

o[s] tempo[s] do[s] medi@

ESTUDOS DO SÉCULO

XX

número 7 . 2007

KEVIN, Deirdre: *Europe in the Media – A Comparison of Reporting, Representation and Rhetoric in National Media Systems in Europe*. New Jersey: Lawrence Erlbaum Associates, Publishers, 2003, 203 p.

O livro *Europe in the Media*, de Deirdre Kevin, resulta de um trabalho de investigação ambicioso nos fins e nos meios: se o título revela um objectivo tão vasto como aliciente (a caracterização da ideia de Europa enquanto “objecto mediático”), o subtítulo deixa entrever o carácter exaustivo e sistemático da metodologia utilizada (um estudo, em moldes comparativos e transnacionais, das formas de cobertura, representação e retórica desenvolvidas por meios de comunicação de vários países do Velho Continente).

Investigadora do *European Institute for the Media* (EIM), um *think-tank* que procura observar, documentar e analisar a evolução dos media e das comunicações a nível europeu, a autora elaborou esta obra numa altura em que as actividades do centro começaram a incidir sobre as implicações políticas e culturais inerentes aos avanços nos campos mediático e comunicativo. Assim, o livro orienta-se para o duplo propósito de “delinear alguns dos mais importantes debates sobre a integração europeia” e “descrever a paisagem mediática onde estes (...) se situam, reflectem e concretizam” (p. XVII). Perceber o papel dos meios de comunicação na vida democrática da Europa e o modo como estes reproduzem o processo de construção comunitária será, pois, a preocupação nuclear da pesquisa, em torno da qual gravitam noções ligadas à adopção de políticas da UE, à participação cidadã e à formação de opinião.

Deirdre Kevin impôs-se a tarefa de reunir, num só volume, os resultados de um conjunto de projectos realizados em

diferentes cenários nacionais – Alemanha, Espanha, França, Holanda, Irlanda, Itália, Polónia, Reino Unido e Suécia. Parece-nos que a escolha de nações que diferem quer em tamanho, quer em expectativas face à UE – e destaque-se, aqui, o caso polaco, à data o único Estado candidato – configura uma sólida e significativa amostra para aferir o tratamento de problemáticas europeias.

Igualmente interessante é a natureza das informações recolhidas: por um lado, material noticioso gerado por mais de 50 meios de comunicação em 8 países, durante dois períodos de uma semana (em Maio e Junho de 1999); por outro lado, dados codificados a partir da programação de mais de 12 canais de televisão pertencentes a 6 Estados, ao longo de um mês e meio (de meados de Maio ao final de Junho de 2000). Um *corpus* que ilustra, em última instância, a peculiaridade metodológica da obra, tanto em termos quantitativos (mercê do elevado número de media incluídos) como qualitativos (pelo original cruzamento da imprensa – nacional e regional, de referência e tablóide – e da TV – pública e privada – como base de trabalho).

Os dois capítulos iniciais – o livro contém um total de onze – cumprem uma clara função de enquadramento: o primeiro traça uma breve introdução sobre as dinâmicas de integração europeia, sob um pano de fundo cultural e identitário; o segundo apresenta uma abordagem sintética das relações entre os media e a Europa comunitária, sobretudo no que se refere aos sistemas mediáticos nacionais e à hipótese normativa de um Espaço Público europeu.

Estabelecem-se, deste modo, as coordenadas que balizam teoricamente o conteúdo empírico do capítulo III, onde o levantamento de um grupo de indicadores

quantitativos (secções e tópicos dominantes) permite esboçar um quadro genérico da cobertura de assuntos europeus nas supracitadas semanas de 1999. Se a principal conclusão deste exercício – realidades nacionais fortemente matizadas – não constitui um dado surpreendente, julgamos digna de nota a delimitação entre as notícias relativas à “Europa” em geral e os textos específicos acerca da “União Europeia”. Uma opção, sem dúvida, curiosa, se atentarmos na tendência, cultivada de forma crescente no âmbito desta área científica, para a adopção dos termos como sinónimos para efeitos de contagem.

Nos capítulos IV e V, o olhar analítico da autora distancia-se da superficialidade introdutória para se debruçar sobre dois acontecimentos concretos: respectivamente, as eleições para o Parlamento Europeu (última semana de campanha) e a guerra no Kosovo (entendida enquanto “crise europeia”). Alia-se, portanto, a observação de um escrutínio de cariz supranacional (p. 71) ao estudo de um conflito que, percebido como um problema comum, acaba por denunciar algumas marcas essenciais do discurso mediático relativo à Europa e à integração europeia (p. 89). Eventos distintos, é certo, mas complementares no modo como põem a descoberto a função dos media no processo de participação eleitoral, na produção e expressão de identidades, em suma, nas percepções públicas de uma realidade tão caleidoscópica como a do continente europeu.

Na senda desta particularização, o sexto capítulo foca a questão das notícias relacionadas com temas económicos, sobretudo com a UEM, enquanto o sétimo recupera a temática das referências ao Outro (países e pessoas) nos enunciados mediáticos, conferindo-lhe um destaque bastante mais consistente do que as

alusões soltas e pontuais feitas até este ponto. Deirdre Kevin confirma, aqui, a hegemonia dos “três grandes” – Alemanha, França e Reino Unido – como actores noticiosos e enfatiza a singularidade da visão britânica, invariavelmente céptica no que toca à “Europa económica e política”, porém marcada por uma perspectiva laudatória face ao “continente das viagens, das férias, da cultura ou do desporto” (p. 115).

A urgência de contrabalançar as conclusões decorrentes da análise de conteúdo com práticas jornalísticas reais no palco europeu encontra resposta no capítulo VIII, através de entrevistas a políticos e a profissionais dos media. Estes últimos sublinham a dificuldade de promover uma educação para a Europa susceptível de aumentar a irrisória atenção do público para com as notícias europeias, no reverso da qual se inscreve a actual necessidade de imprimir um “gancho nacional” (p. 132) aos textos publicados.

A descrição genérica (capítulo IX) dos programas televisivos dedicados à Europa, bem como do respectivo conteúdo (capítulo X), corrobora esta propensão para a nacionalização. Um mês e meio de monitorização em 6 Estados deu a conhecer a existência de uma grande variedade de formatos, transmitidos na sua maioria por canais públicos. No entanto, denunciou um evidente enquadramento de acordo com o ângulo do país de origem: aponte-se, a título de exemplo, a especial importância do debate europeu na televisão polaca, facilmente explicada por um factor contextual – a futura adesão deste candidato à UE.

Finalmente, cabe ao capítulo XI o complexo dever de condensar, em pouco mais de quinze páginas, os aspectos mais pertinentes de todo o percurso investigativo. Percorrendo os diversos temas que compõem a moldura teórica deste estudo

– a identificação política, a cidadania europeia, a ideia de uma Europa cultural, a hipótese de um Espaço Público europeu, entre outros – a autora projecta-os sobre um denominador comum: a heterogeneidade das representações mediáticas da Europa e a consequente dificuldade de configurar uma abordagem universal dos media aos temas europeus (p.167).

Remata, depois, o livro com um grupo de propostas, movidas não pela intenção utópica de modificar este cenário, mas pela necessidade real de fomentar a empatia dos cidadãos para com o projecto comunitário e de contribuir para uma democracia europeia verdadeiramente transparente: a criação de um programa de actualidade sobre a Europa, a introdução de outros formatos inovadores (de preferência, em horário nobre) e o estreitamento da cooperação entre os vários canais nacionais (p.180-181). Retoma-se, nesta linha de raciocínio, a tese inicial de Kevin, que considera os media como peça incontornável do puzzle democrático europeu, reiterando-se também o protagonismo concedido à televisão. No fundo, um sinal dos tempos, quando entramos numa Era em que os progressos ao nível da TV digital e dos meios interactivos vão impondo novos desafios à delimitação dos espaços comunicativos.

Em suma, estamos convictos de que *Europe in the Media* se assume como uma investigação académica cuidada e rigorosa, redigida numa linguagem simples e acessível a eventuais leitores menos especializados. Pensamos que o seu interesse se desdobra em duas vertentes:

a) *Interna*, porque a uma organização lógica e coerente se junta a já referida originalidade do *corpus*, cuja ousadia (em termos de meios de comunicação e países abrangidos) propicia uma visão transna-

cional bastante completa – condição *sine qua non* para qualquer exercício sobre uma realidade tão intrincada e mutável como a europeia;

b) *Externa*, pois ao estabelecer uma ponte entre as áreas científicas dos estudos dos media e dos assuntos europeus vem colmatar lacunas numa corrente de pesquisa que, embora em franca expansão, se encontra ainda numa etapa relativamente embrionária.

Não obstante este conjunto de vantagens, julgamos que a obra não está isenta de problemas. Por um lado, se na plataforma empírica – que dá, sem dúvida, uma resposta eficiente aos imperativos teóricos avançados – reside a força deste trabalho, nela se descobre igualmente a sua maior fragilidade: o grau de complexidade extrema que acaba por atingir, consubstanciado no “mosaico” de conclusões do capítulo XI. Por outro lado, pese embora a feliz inclusão da Polónia na lista de países analisados, esta é claramente dominada pelas grandes potências alemã, francesa e britânica, cumprindo-se a pecha académica de deixar na sombra Estados com menor peso político-económico no xadrez europeu (Para quando um texto de fundo sobre Portugal?).

De qualquer modo, *Europe in the Media* merece um balanço claramente positivo. Longe de diminuírem a validade do livro, estas questões poderiam ser desenvolvidas de forma a suscitar reflexões sobre uma área de relevância crescente para todos os investigadores, estudantes, políticos e jornalistas que queiram pensar os novos tempos dos media.

Ana Isabel Martins
Bolseira do CEIS20